



Artigo original

O PAPEL DOS CONTOS ORAIS “O RAPAZ QUE RAPTOU UMA RAPARIGA” E “A RAPARIGA DE MWALA WA SENA” NA TRANSMISSÃO DE VALORES SOCIOCULTURAIS: entre a preservação e a ruptura

Lurdes da Balbina Vidigal Rodrigues da Silva e Abudo Machude

Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Moçambique

RESUMO: A oralidade é o principal veículo de transmissão de conhecimento nas sociedades ágrafas. É através da palavra que se organiza o conhecimento e a compreensão de valores socioculturais, religiosos, normas e comportamentos das referidas sociedades. Sendo a palavra o principal veículo de transmissão de conhecimentos e valores, existe toda uma literatura por ela produzida e que está presente em todas as esferas destas sociedades, relatando e descrevendo os aspectos essenciais da vida destas mesmas comunidades, incluindo os desafios que ameaçam a continuidade de valores dominantes do grupo. Dentre esta vasta literatura oral podemos destacar: o conto, os provérbios, as adivinhas, a poesia e o canto orais. Neste âmbito, partindo de uma análise comparativa de dois textos orais sobre o casamento na cultura Sena, a presente comunicação tem como objectivo não só reafirmar a importância desta literatura, demonstrando o papel que o conto oral desempenha na preservação de valores culturais do grupo etno-linguístico Sena, como também explicar as suas tendências de ruptura.

Palavras-chave: Casamento, conto oral, cultura sena, oralidade, valores culturais.

THE ROLE OF ORAL TALES “THE BOY WHO KIDNAPPED A GIRL” AND “THE GIRL FROM MWALA WA SENA” IN THE TRANSMISSION OF SOCIO-CULTURAL VALUES: between preservation and rupture

ABSTRACT: Orality is the main vehicle to transmit knowledge in unwritten societies. It is through the spoken words that these societies organize all knowledge and the comprehension of sociocultural norms and values, behaviours, and religions. Being the spoken word the main tool to transmit knowledge and values, there is a whole literature that is produced by the spoken word and this literature is present in all spheres of these societies, reporting and describing the main aspects of lives of these communities, including the challenges that threaten continuity or rupture of the groups dominant values. Among this vast literature we can highlight: oral tales, riddles, poetry, and oral chants. In this scope, starting from a comparative analysis of two oral tales about marriage in Sena culture, the present paper objective is not only reaffirm the importance of this literature, demonstrating the role that oral tales play in the preservation of sociocultural values of the Sena ethnical group, but also explain its rupture trends.

Keywords: Marriage, oral tales, Sena culture, orality, cultural values.

Correspondência para: (correspondence to:) luro_rodrigues@yahoo.com.br / lurdes.dasilva@uem.mz

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade a oralidade, enquanto principal veículo de transmissão de conhecimentos, jogou um papel crucial na vida dos povos sem escrita e não só, por forma a garantir a sobrevivência da espécie humana. Rosário

(2007, p. 20) define a oralidade “como o meio segundo o qual a colectividade codifica a sua vida e o seu comportamento, quer na comunicação diária, quer na transmissão do conhecimento, quer no seu comportamento mágico-religioso, visando a defesa e a continuidade da identidade do grupo, ou seja, a sua realidade social e

cultural”. Uma das manifestações de relevo da oralidade é, sem dúvida, a Literatura Oral, integrada numa cultura primariamente oral (AGUIAR e SILVA, 2005, p. 138) e que se materializa através da palavra oral, com várias funções, dentre as quais a da preservação de valores socioculturais dos povos que a produzem e a materializam como arte.

Fazem parte da Literatura Oral narrativas, adivinhas, canções, cantos, provérbios, entre outras manifestações (SILVA, 2011; ALTUNA, 2009). As narrativas orais (contos), objecto desta comunicação, funcionam como importantes instrumentos pedagógicos para a transmissão de conhecimentos e preservação de valores nas sociedades (SILVA, 2016; ROSÁRIO, 2008).

Ao examinarmos a estrutura e a narração de certas narrativas orais, como as de que são objecto desta comunicação, é possível notar que ao mesmo tempo que veiculam ideias de preservação de certos valores socioculturais, apresentam, igualmente, aspectos de ruptura desses mesmos valores.

Neste âmbito, o presente artigo tem por objectivos: (i) reafirmar a importância da Literatura Oral, demonstrando o papel que o conto oral desempenha na preservação de valores culturais do grupo etno-linguístico Sena; e (ii) explicar as suas tendências de ruptura a partir de uma análise comparativa de dois contos orais sobre o casamento na cultura Sena.

De acordo com Rosário (2008, p. 28), o casamento é um dos momentos mais importantes na vida do indivíduo, e é uma grande responsabilidade para o clã. Por isso, o casamento é um dos meios que melhor sistematizado apresenta os valores socioculturais, desde as fórmulas de escolha de parceira e o conseqüente processo de aproximação até à efectivação das cerimónias do enlace, havendo, por isso, na cultura Sena, rigorosas etapas que têm de ser ultrapassadas uma a uma, nomeadamente:

- a) **Lupato** – é um pequeno presente dado directamente à rapariga pelo rapaz;
- b) **M’pete** – é um presente dado pelo padrinho como primeiro acto oficial de aproximação entre os familiares do rapaz e da rapariga;
- c) **Malimbico** – é um reforço do presente anterior em função do sucesso ou não do acto diplomático do padrinho;
- d) **Chuma** – é uma dádiva de transacção; é o momento em que a rapariga passa a pertencer ao homem;
- e) **Machunguzo** – é o apetrechamento da noiva com o fim de efectuar a primeira visita à família do noivo; e
- f) **Macuchafua** – é a transferência do fogão.

A não observância das etapas acima por parte dos noivos e/ou respectivos familiares na cultura Sena pode resultar em conseqüências negativas tanto para os noivos como para os respectivos familiares, tais como a não efectivação do matrimónio ou das atribuições do mesmo. Importa referir que se trata de casamento tradicional (os outros são o civil e o religioso), isto é, “aquele que é celebrado entre os familiares dos noivos e consiste na observância das regras tradicionais sobre o casamento (CIPIRE, 1996, p. 55). De acordo com alguns estudiosos da cultura tradicional oral, entre os quais Rosário (2008) e Cipire (1996), em Moçambique o casamento tradicional assenta em dois principais sistemas de organização social da família tradicional, nomeadamente, o sistema matrilinear e o sistema patrilinear. O sistema matrilinear consiste na transmissão da herança para as mãos do sobrinho, filho da irmã. Já o sistema patrilinear é aquele em que a herança dos bens se transmite directamente para o filho varão. Disto resultam dois tipos de casamentos tradicionais: o ulorilocal, aquele em que a

mulher é retirada da sua aldeia e vai viver na casa da família do marido, frequente na região sul do país, e o uxoriocal, aquele em que o homem abandona a sua terra, a sua família para se juntar à sua esposa, mais observado a norte do Save, nas sociedades matrilineares. Entre os senas, que se localizam no centro do país, tais práticas se misturam.

METODOLOGIA

Foram seleccionados dois textos orais que apresentam tendências de preservação e de ruptura de aspectos socioculturais, com destaque para o matrimónio na cultura Sena, nomeadamente: **“O Rapaz que raptou uma Rapariga”** e **“A rapariga de Mwala wa Sena”**. Estes textos foram extraídos a partir de Rosário (2001). Usando o método comparativo, primeiro foram seleccionados excertos dos referidos textos que, também, retratam aspectos de preservação e de ruptura de valores relacionados com o casamento tradicional na cultura Sena. Por fim, foi feita a análise dos textos tendo em conta três elementos cruciais: **estrutura, narração e significação.**

APRESENTAÇÃO DOS CONTOS

De seguida apresentam-se os contos que serão objectos deste estudo: “O rapaz que raptou uma rapariga” e “A rapariga de Mwala wa Sena”.

O rapaz que raptou uma rapariga

Era uma vez. Foi há muito tempo, muito tempo mesmo. Um rapaz resolveu não seguir os costumes dos mais velhos. Ele começou a conversar com uma rapariga às escondidas. Essa rapariga vivia na mesma povoação do rapaz. Conversaram, conversaram, durante algum tempo. Depois combinaram fugir. E fugiram juntos para a Beira. Lá, o homem ia trabalhar para ganhar a vida e ela ficava a guardar a casa. Como era às escondidas, ninguém sabia de nada. Por isso, nenhuma cerimónia foi efectuada, nem para o casamento, nem para a partida.

Um dia, quando as pessoas acordaram, verificaram que o rapaz e a rapariga tinham desaparecido. As pessoas lamentaram muito e diziam: «há-de acontecer-lhes uma desgraça».

Eles chegaram à cidade da Beira. O homem foi trabalhar. E ia trabalhar todos os dias. A mulher ficava em casa.

Um dia, quando o homem regressou do emprego encontrou a mulher muito doente. Doía-lhe o corpo todo. A gente das vizinhanças nunca tinha visto semelhante doença.

O homem não desanimou e disse: «vou aos brancos». Pegou na sua mulher e foi ao hospital falar com os brancos. O doutor disse-lhe: «nunca vi uma doença destas. Não vou dar remédios. Esta doença é de ‘feitiço’». Ninguém sabia, na verdade, que aquela rapariga estava tratada e por isso, só com a devida autorização dos pais e com todas as cerimónias é que poderia sair da aldeia e viajar com o marido. Aquela doença era o ar estranho que ela tinha apanhado. Esse ar não encontrou no corpo dela a bênção dos pais.

A mulher morreu. O homem ficou triste e quis enterrá-la na Beira. O cadáver, porém, quando chegava à porta do cemitério começava a cantar:

*Enterrem
Devagar, devagarinho
Não sou daqui
Vim de muito longe, muito longe
Devagarinho, devagarinho
Que dói, dói, dói
Quando os coveiros metiam o caixão na cova, o
cadáver cantava:
Enterrem
Devagar, devagarinho
Não sou daqui
Vim de muito longe, muito longe
Devagarinho, devagarinho
Que dói, dói, dói.*

Os coveiros, quando ouviram o cadáver a cantar, disseram uns para os outros: «nunca tal coisa se viu nem se ouviu. Fugamos». E fugiram todos com medo do feitiço.

O homem percorreu muitas terras, mas não

conseguiu enterrar a sua mulher pois o cadáver continuava a cantar e todos fugiam.

O homem já andava desesperado. O mau cheiro era insuportável. Então não teve outro remédio, senão o de regressar à terra donde tinha fugido e aí entregar os restos da filha aos pais. Eles disseram: «por tua culpa perdemos a nossa filha, hás-de pagar. No dia do enterro, passarás a pertencer-nos para o resto da tua vida». O rapaz, porém, não percebeu o sentido daquelas palavras. Não ligou importância, porque pensou que era a dor que estava a ditar tudo o que disseram.

No dia do enterro, começou a sentir que lhe nasciam pêlos por todo o corpo e uma cauda. Toda a gente fugiu dele. O rapaz tinha-se transformado em hiena e foi servir de cão à mãe da rapariga que era feiticeira.

É por isso que hoje todos os rapazes têm receio de raptar as suas namoradas, fugindo com elas para longe, sem realizar as cerimónias necessárias.

A rapariga de Mwala wa Sena

Lá para os lados de «*Mwala wa Sena*» havia uma mulher que tinha uma filha muito bonita. Essa mulher fazia tudo e não deixava que a filha aprendesse os trabalhos que uma mulher deve saber.

A rapariga cresceu. Como cresceu, chegou à altura de casar. Apareceram pretendentes. Aos pretendentes a mãe dizia: «a minha filha é bonita, mas sabe, não aprendeu a fazer nada em casa, nem pilar, nem semear, nem cozinhar, nem varrer a casa, nem esfregar as costas do marido, no banho, nem coisa nenhuma. A única coisa que ensinei à minha filha foi enfiar «*missangas*» nas linhas e fabricar outros adornos para o corpo».

Os rapazes, quando ouviam aquilo, desistiam logo e exclamavam: «eu não como adornos, ninguém vive de beleza, de que me serve ter uma mulher bonita se ela não serve para nada, nem sabe fazer nada?» Diziam isto e iam procurar noivas noutras casas da povoação, onde havia raparigas em idade de casar.

Um dia, apareceu um rapaz estrangeiro. Esse rapaz não era daquela povoação, nem das povoações vizinhas. Ele veio de muito longe. As pessoas das redondezas não sabiam quem era ele, nem quem seria a sua família.

A mãe da rapariga disse-lhe: «tu és estrangeiro. Eu não conheço os costumes da tua gente. Tu queres levar a minha filha? Olha que ela não sabe nem pilar, nem ir ao rio buscar água à cabeça, nem cozinhar, nem esfregar as costas do marido, no banho, nem semear, nem nada. A única coisa que ela sabe é lidar com «*missangas*». O rapaz respondeu: «não faz mal eu quero-a assim mesmo. A minha família fará tudo por ela».

Chegou a altura de a rapariga viajar e ir visitar a povoação do marido e viver com os futuros sogros. Este hábito de visitar a sogra antes do casamento costuma fazer-se para ver os defeitos que as noras têm antes do casamento.

O rapaz disse à mãe que a sua futura mulher não devia fazer nada, porque não tinha aprendido a lidar com os trabalhos domésticos. A mãe do rapaz ficou muito espantada e disse: «Estou quase velha. Vivi muitos anos. Nunca na minha vida ouvi semelhante coisa. Onde se viu uma mulher que não sabe executar os trabalhos domésticos que lhe competem?» O rapaz respondeu: «não tem importância, eu gosto dela assim mesmo».

A mãe do rapaz ficou triste, mas prometeu não obrigar a rapariga a fazer os trabalhos.

Assim se passaram três meses e a rapariga tinha tudo e passava a vida muito bem sentadinha a enfiar as «*missangas*» nas linhas.

Um dia, a mãe do rapaz não aguentou mais aquela situação. Pegou em alguns grãos de mapira. Foi buscar um pilão e disse à rapariga: «Em minha casa não suportamos ver uma mulher sã comer sem fazer nada. Tens aqui alguma mapira para pilar. Eu vou trabalhar para o campo. Quando eu voltar quero encontrar tudo pronto». O rapaz não

estava, tinha ido para a caça com os seus cães.

A rapariga pegou na mapira pôs no almofariz, pilando e a chorar, cantou a seguinte canção:

*Du, Du, Du
És tu infeliz que pilas
Sogra nunca foi mãe
Du, Du, Du
És tu infeliz que pilas
Por que te tratou tua mãe como vidro?
Du, Du, Du
És tu infeliz que pilas
Tua mãe descurou o teu futuro
Du, Du, Du
És tu infeliz que pilas
O teu futuro é ser engolida
Du, Du, Du
És tu infeliz que pilas
Acreditaste no marido que veio da sogra
Du, Du, Du
Sogra nunca foi mãe*

E à medida que ia pilando, cada pancada fazia com que a terra fosse abrindo. Ela aos poucos foi-se enterrando até desaparecer por debaixo da terra. E no lugar por onde desapareceu a rapariga, surgiu uma lagoa pequena. Esse lugar era no quintal da sogra.

À noite, veio o rapaz da caça. Perguntou pela rapariga. A mãe não sabia responder. Foram os vizinhos que disseram: «toda a manhã esteve ali a pilar e a cantar uma canção estranha. Ela dizia mal da sogra e lamentava por a mãe não lhe ter preparado para as lides domésticas, não prevendo assim o futuro». O rapaz ficou muito apreensivo, temeu o pior, zangou-se com a mãe e foi procurar um feiticeiro. O feiticeiro disse: «ela desapareceu para debaixo da terra. É como se fosse ressuscitar um morto. Não vai ser fácil. Têm que chamar a mãe da rapariga». E foram chamar a mãe da rapariga. Quando ela soube que a filha tinha desaparecido, pensou logo que a família do rapaz não tinha cumprido com as suas recomendações. Veio a correr. Ela disse: «eu eduquei a minha filha para a beleza. Nenhum trabalho ajuda a preservar a beleza. A minha filha era muito bonita, por isso não podia aprender nenhum trabalho doméstico. Ela devia permanecer sentada

trabalhando para a beleza». O rapaz disse aprovando: «eu queria-a assim mesmo». A mãe do rapaz exclamou: «nunca tal se viu. Ninguém come beleza. Todos os outros rapazes desistiram dela. E esses rapazes eram da povoação dela. Tu tiveste aqui, na nossa povoação muitas raparigas, algumas delas mais bonitas que ela!»! O feiticeiro disse: «vamos tentar trazê-la de novo à vida». E deitou uns pós na água da lagoa. A água começou a efervescer. Dançou à volta da lagoa, soprando num chifre que fazia «puuuuum, puuum, puuum» e falava numa língua que ninguém percebia. A água foi baixando. A rapariga foi surgindo com todas as coisas com que tinha desaparecido. O feiticeiro preparou-lhe umas papas de farinha. Ela tomou-as e vomitou, tomou-as e vomitou, tomou-as e vomitou! Quando já se sentia melhor, ela disse para a mãe: «mãe, vamos para casa. Não é aqui o meu lugar».

Desde esse dia, passou a viver com a mãe que lhe fazia tudo. O rapaz ficou sozinho e muito triste. Nunca mais procurou outra mulher para casar.

E assim termina esta história da rapariga que não aprendeu o serviço de casa, porque era muito bonita.

Quem não acredita nesta história que vá a Sena e pergunte às pedras.

Análise dos Contos

Os contos orais “O rapaz que raptou uma rapariga” e “A rapariga de Mwala wa Sena” apresentam elementos de preservação e ruptura de valores socioculturais do grupo etno-linguístico Sena. Assim, a análise sobre a preservação e ruptura de tais valores nos dois contos será feita tendo em conta a estrutura, narração e significação. A *estrutura*, seguindo a abordagem formalista de Propp, olha, basicamente, para as narrativas morfológicamente do tipo ascendente e descendente (ROSÁRIO, 2008). No primeiro tipo, “quando terminem bem e com um prémio ao herói, considerando que a situação inicial tenha sido de carências; no segundo tipo,

descendentes, quando tudo se processa de forma inversa a do primeiro” (NDAPASSOA, 1997). Trata-se, de acordo com Matusse (1998, p. 137), de narrativas da tradição oral africana que “têm uma forte componente didáctico-moralizante que se reflecte na sua estrutura, através do carácter e da sequência das suas transformações”. Segundo Matusse (1998), algumas classificações tipológicas destas narrativas têm como critério fundamental o sentido da transformação que altera a situação inicial e determina a situação final da história, podendo ser de melhoramento, quando provoca a alteração de uma situação inicial de falta (ou de desequilíbrio) para uma situação final de falta coberta, ou, pelo contrário, pode ser de degradação, quando provoca a passagem de uma situação de equilíbrio para uma situação de falta. A *narração*, por sua vez, olha para o modo como são anunciados os acontecimentos pelo narrador, servindo, para o leitor, de referências culturais importantes ou sinais do que vai acontecer. Finalmente a *significação*, tem a ver com a interpretação dos factos narrados com base no conhecimento etnográfico que se tem do grupo etno-linguístico ao qual estão associadas as narrativas.

Preservação e ruptura dos valores socioculturais do grupo etno-linguístico Sena

Em termos de **estrutura**, os dois contos acima narrados apresentam uma estrutura descendente, isto é, uma estrutura que pune exemplarmente as acções dos personagens, condenando, dessa forma, actos repudiáveis que podem pôr em perigo a organização de um determinado grupo social (ROSÁRIO, 2001). A condenação desses actos é também uma forma de reforçar a preservação de outros valores socioculturais considerados positivos e dominantes.

Relativamente à **narração**, para destacar aspectos de preservação e tendências de ruptura de valores, queremos considerar, no texto “O rapaz que raptou uma rapariga”

(ROSÁRIO, 2001, p.65-66), o seguinte excerto:

Foi há muito tempo, muito tempo mesmo. **Um rapaz resolveu não seguir os costumes dos mais velhos.** Ele começou a conversar com uma rapariga às escondidas. Essa rapariga vivia na mesma povoação do rapaz. **Conversaram, conversaram, durante algum tempo. Depois combinaram fugir.** E fugiram juntos para a Beira. Lá, o homem ia trabalhar para ganhar a vida e ela ficava a guardar a casa. Como era às escondidas, ninguém sabia de nada. **Por isso, nenhuma cerimónia foi efectuada, nem para o casamento, nem para a partida** (O rapaz que raptou uma rapariga, ROSÁRIO, 2001, grifo nosso).

No começo da narração, está anunciada, pelo narrador, a infracção do rapaz: o não seguimento dos costumes dos mais velhos, que culmina com a fuga do casal para a Beira, sem a observância das cerimónias adstritas ao casamento e à saída da casa dos pais. Com efeito, o rapaz não seguiu os passos necessários à concretização do enlace matrimonial na etnia Sena conforme Rosário (2008) descreve: lupato, m’pete, malimbico, chuma, machunguzo e macuchafua.

Como consequência da falta cometida pelo casal, em profundo desrespeito pelas práticas culturalmente observáveis para com o matrimónio na cultura Sena, o narrador, através de certas marcas de enunciação, vai preparando o leitor para a possibilidade de ocorrência de uma série de situações adversas, como punição exemplar pela não observância das normas instituídas para a efectivação do matrimónio, tal como podemos constatar a partir de algumas passagens textuais marcadas e criteriosamente seleccionadas:

“O rapaz que raptou uma rapariga”, o título do conto anuncia logo uma infracção cometida pelo pretendente, um rapto. Com origem etimologicamente no latim *raptus*, é um termo que admite várias acepções: arrebatamento; acto de sequestrar; privação

ilegítima da liberdade de outra pessoa; violação, entre outras.

De igual modo, o excerto “Um rapaz resolveu não seguir os costumes dos mais velhos”, deixa evidente a acção, na lógica do narrador, premeditada pelo rapaz de romper com os costumes da sua povoação, religiosamente conservados pelos guardiães da comunidade, os velhos.

Outras passagens textuais como “Conversaram, conversaram, durante algum tempo. Depois combinaram fugir” e “Por isso, nenhuma cerimónia foi efectuada, nem para o casamento, nem para a partida” revelam, por um lado, o momento do acordo do plano de fuga e, por outro lado, a conclusão da constatação do agravamento da infracção, deixando antever consequências negativas pelas faltas cometidas: morte da rapariga, dificuldades em enterrá-la em terra estrangeira e a transformação do rapaz em hiena para, mais tarde, servir de cão à mãe da rapariga.

Quanto à significação, dado o seu carácter etiológico, a parte final da narrativa, ilustrada pela seguinte passagem textual “É por isso que hoje todos os rapazes têm receio de raptar as suas namoradas, fugindo com elas para longe, sem realizar as cerimónias necessárias” volta, não só, a reforçar a ideia da necessidade da observância dos rituais associados ao casamento, como também o respeito pelos costumes da cultura Sena.

Embora a estrutura do texto, que decorre da sequência das acções das personagens, nos permita olhar preferencialmente a condenação de algumas práticas consideradas desviantes na sociedade, tendo em vista a manutenção de certos valores socioculturais, sobretudo associados ao cumprimento das etapas do casamento, parece haver espaço para considerar tais actos como uma manifestação de uma tendência de ruptura em relação aos valores da sociedade, como resultado da constante interacção dos vários

aspectos culturais com novas experiências e realidades.

Em relação ao texto “A rapariga de Mwala wa Sena” (ROSÁRIO, 2001, p. 71-73), consideramos o seguinte excerto:

Lá para os lados de «Mwala wa Sena» havia uma mulher que tinha uma filha muito bonita. Essa mulher fazia tudo e **não deixava que a filha aprendesse os trabalhos que uma mulher deve saber.**

A rapariga cresceu. Como cresceu, chegou à altura de casar. Apareceram pretendentes. Aos pretendentes a mãe dizia: «A minha filha é bonita, mas sabe, não aprendeu a fazer nada em casa, nem pilar, nem semear, nem cozinhar, nem varrer a casa, nem esfregar as costas do marido, no banho, nem coisa nenhuma. **A única coisa que ensinei à minha filha foi enfiar «missangas» nas linhas e fabricar outros adornos para o corpo».**

Os rapazes, quando ouviam aquilo, desistiam logoe iam procurar noivas noutras casas da povoação, onde havia raparigas em idade de casar.

Um dia, apareceu um rapaz estrangeiro. Esse rapaz não era daquela povoação, nem das povoações vizinhas. Ele veio de muito longe. As pessoas das redondezas não sabiam quem era ele, nem quem seria a sua família (A rapariga de Mwala wa Sena, ROSÁRIO, 2001, grifo nosso).

Tal como no primeiro texto, **a estrutura** e parte da sequência das acções também anunciam alguma violação de alguns princípios associados ao casamento na cultura Sena e a consequente punição. No entanto, este texto, em virtude de a punição ser branda, quando comparada com a verificada no texto anterior, parece incorporar melhor a ideia de aceitação de outros valores socioculturais: não aprender tarefas domésticas, vistas como fundamentais para garantir o lar, e aceitar casar com o estrangeiro.

Como se pode notar pela **enunciação**, é a mãe da rapariga que “não permite que a

filha aprenda os trabalhos que uma mulher deve saber”, tendo-lhe ensinado exclusivamente «a enfiar “missangas” nas linhas e fabricar outros adornos para o corpo», facto que contribuiu para a perda do casamento, apesar de ter sido preferida por um rapaz estrangeiro.

Apesar da rapariga ter sido ressuscitada e devolvida à sua povoação, a mesma é punida, sendo solteira para toda a vida, como seria de esperar, por não ter seguido determinados hábitos da sua cultura. A punição, atenuada, pode estar relacionada com o facto de não ter sido ela (a rapariga) a responsável pelo seu despreparo para o lar. Ainda assim, não deixa de ser uma manifestação da presença e quase aceitação de novos valores, marcando assim uma tendência de ruptura em relação aos valores culturais dominantes.

No que diz respeito à **significação**, a estrutura descendente dos dois contos, determinada pela sequência das acções das personagens (partes marcadas dos textos), confere-lhes o carácter didáctico-moralizante através da exemplaridade (punição) e simboliza a necessidade da preservação dos valores socioculturais do grupo, concretamente a defesa do casamento, como a mais importante instituição social e cultural.

No entanto, as acções de violação dos princípios que regem o casamento, presentes na própria narração dos textos, podem ser indícios de resistência aos valores culturalmente predominantes, por isso mesmo manifestação de uma tendência de ruptura com tais valores socioculturais. Esta dupla interpretação dos textos aponta para a necessidade de se ter em conta o dinamismo cultural (Martinez, 2009), que se manifesta através do confronto permanente, nas sociedades, entre as ideias inovadoras e as mentalidades conservadoras (ROSÁRIO, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das suas estruturas e da narração, os

textos acima mostram a importância do casamento na cultura Sena, como a mais importante instituição social e cultural, e da necessidade de preservação dos princípios que o regem. Contudo, como ficou demonstrado, algumas marcas da enunciação apontam para uma certa tendência de distanciamento em relação a esses valores. Ou seja, ainda que as acções das personagens sejam punidas exemplarmente, não deixam de revelar uma tendência de ruptura em relação aos valores a serem preservados na sociedade, como resultado do dinamismo cultural a que fizemos menção anteriormente, que resulta do confronto entre as ideias inovadoras e as mentalidades conservadoras.

Concluimos, assim, que os contos orais desempenham um papel crucial nas sociedades de tradição oral. Eles são meios pedagógicos através dos quais se transmitem os valores visando preservá-los para as gerações vindouras, ainda que, com o tempo, se venham a verificar as inevitáveis transformações dos processos culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR E SILVA, V. **Teoria da Literatura**. 8ª ed.. Coimbra: Livraria Almedina, 2005. p.138.
- ALTUNA, R. **Cultura tradicional Banto**. Luanda: Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 2009. p.41.
- CIPIRE, F. **A educação tradicional em Moçambique**. 2ª ed. Maputo: Publicações Emedil, 1996. p.55.
- MARTINEZ, F. **O povo Macua e a sua cultura**. 2ª ed. Maputo: Edições Paulinas, 2008. p.40.
- MARTINEZ, F. **Antropologia Cultural**. 6ª ed. Maputo: Editorial Paulinas, 2009. pp.63-70.
- MATUSSE, G. **A construção da imagem de moçambicanidade em José Craveirinha, Mia Couto e Ungulani Ba Ka Khosa**. Maputo: Livraria Universitária

da Universidade Eduardo Mondlane, 1998. p.137.

NDAPASSOA, A. **O herói esperto nas narrativas orais Sena**. Monografia (Licenciatura em Linguística) Faculdade de Letras, Maputo, Universidade Eduardo Mondlane, 1997, pp.19-20.

ROSÁRIO, L. **Contos Moçambicanos do Vale do Zambeze**. Maputo: Moçambique Editora, 2001. pp.65-71.

ROSÁRIO, L. **Singularidades II**. Maputo: Texto Editores, 2007. pp.20, 233-234.

ROSÁRIO, L. **A Narrativa africana de Expressão Oral**. Maputo: Texto Editores, 2008. p.28.

SILVA, L. Relação Homem e natureza no conto oral os desejos da mulher grávida. **Poiésis- Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Sul de Santa Catarina**, v.4, n.7, 2011.pp.210-214.

SILVA, L. Communities' practices of promoting sexual and reproductive health and other knowledge in Mozambique. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação - UNESC**, v.5, n.1, 2016. pp. 1-14.